

PEDROSA, Juliene Lopes R.; HORA, Demerval. Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

ANÁLISE DO /S/ EM CODA SILÁBICA: UMA PROPOSTA DE HIERARQUIZAÇÃO DOS CANDIDATOS GERADOS

Juliane Lopes R. Pedrosa¹

Dermeval da Hora²

julienepedrosa@yahoo.com

ho_ra@hotmail.com

RESUMO: A Teoria da Otimalidade Clássica (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993) estabelece distinção entre o candidato ótimo e os demais. A proposta de Coetzee (2004), contudo, propõe um ordenamento harmônico para o conjunto completo dos candidatos, de forma que os perdedores também sejam ordenados entre si, permitindo considerar fenômenos não-categoricos. De posse dessa perspectiva, objetivamos estabelecer uma provável hierarquia para a realização da fricativa coronal em coda medial e final em uma língua particular, a comunidade paraibana. Indicaremos, dessa forma, não só o candidato ótimo, mas também a ordenação dos demais candidatos, ou seja, daqueles que são variantes. Para a realização desse trabalho, utilizamos resultados da coda medial (HORA, 2003) e final (RIBEIRO, 2006), extraídos do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), que foi coletado à luz da metodologia laboviana. Proporemos, assim, o tratamento de um processo variável sob uma perspectiva formal, contribuindo para um repensar da proposta teórica, além de efetivar um estudo detalhado e de inquestionável importância para a comunidade paraibana.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Otimalidade; Fonologia; Variação; Coda Medial e Final.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a variação lingüística a partir de uma teoria formal têm sido bem mais profícuas. Desde a década de 60, com o avanço da teoria gerativa, essencialmente voltada para a competência dos falantes, a necessidade de se entender e destinar um lugar para a variação tornou-se ainda maior.

¹ Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CNPq.

A Teoria da Otimalidade (OT), contudo, em sua versão clássica (PRINCE e SMOLENSKY, 1993; McCARTHY e PRINCE, 1993), não trabalha com a variação intradialetal. Nessa perspectiva, o avaliador (EVAL) distingue o candidato ótimo dos candidatos perdedores, mas tal distinção não se dá entre os candidatos perdedores, colocando em um mesmo parâmetro candidatos possíveis de se realizarem (variantes) e candidatos impossíveis de se realizarem na língua analisada (*non-sense*).

A proposta de Coetzee (2004) defende que o EVAL proceda de forma diferente, que estabeleça um ordenamento harmônico das formas hierarquizadas para o conjunto completo dos candidatos, de forma que os perdedores sejam também ordenados entre si. Assim, este modelo permite considerarmos fenômenos não-categóricos, a exemplo dos relacionados à variação.

Para a realização desse trabalho, utilizamos o *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), coletado à luz da metodologia laboviana e tratado estatisticamente através do GOLDVARB.

Nosso objetivo é estabelecer uma provável hierarquia para a realização do /S/ na coda medial e final do falar pessoense, a exemplo de: doi[s] : doi[] : doi[z] : doi[ʒ] : doi[h] : doi[∅], me[z]mo : me[ʒ]mo : me[h]mo : me[∅]mo, pa[s]ta : pa[]ta; indicando não só o candidato ótimo, mas também a ordenação dos demais candidatos entre si.

Com isso, efetivaremos o casamento entre a Sociolingüística e a Otimalidade, contribuindo para um estudo detalhado de um fenômeno de inquestionável importância para a comunidade paraibana, e que também oferece contribuições para um repensar da proposta teórica de forma mais geral.

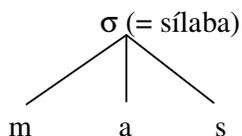
1. DISCUTINDO A SÍLABA

Os trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976) propiciaram aceitar a sílaba como unidade fonológica e conseqüentemente, como objeto de estudo para o entendimento da fonologia das línguas.

Em linhas gerais, duas propostas foram lançadas para dar conta da estrutura interna da sílaba, a de Kahn (1976) e a de Selkirk (1982).

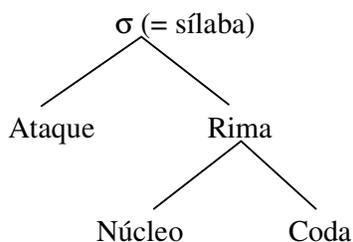
A proposta de Kahn(1976) propõe que os segmentos, independentes entre si, estão ligados diretamente ao nó da sílaba. Assim, teríamos a seguinte estrutura:

(1)



No caso da proposta de Selkirk (1982), a estrutura da sílaba é organizada em dois níveis. No primeiro, estão o ataque e a rima; e, no segundo, a rima está subdividida em núcleo e coda, como podemos visualizar no esquema a seguir:

(2)



Por essa estrutura, fica explícito que a relação entre o núcleo e a coda é mais intrínseca do que entre o ataque e o núcleo. As posições de ataque e núcleo não precisam estar sempre preenchidas, enquanto a de núcleo é considerada o coração da sílaba, não podendo, pois, ficar vazia. Acreditamos, assim, que essa proposta demonstra com mais propriedade a relação entre os constituintes silábicos, por isso a tomaremos como base para a nossa discussão.

Passando ao preenchimento dos constituintes silábicos, observamos que, no Português Brasileiro (PB), todas as consoantes podem figurar na primeira posição do ataque, a segunda posição, contudo, só pode ser preenchida pelas consoantes /r/ e /l/ para formar os grupos consonantais, a exemplo de [pr], [bl], [fl], [vr].

No caso do núcleo, as vogais são as responsáveis pelo seu preenchimento. Bisol (1989) afirma, no entanto, que os ditongos leves ou falsos³ são ligados a um único elemento V, ou seja, vogais e semivogais estão ligadas ao núcleo, mas unicamente nesse caso.

Na posição de coda, apenas as consoantes /r, l, n, s/ e as semivogais podem aparecer, estas formando o ditongo verdadeiro. Outro ponto que pode ser depreendido a partir da proposta de Selkirk(1982) é o fato de que a coda é a posição mais débil da

³ Para Bisol (1989), ditongos leves ou falsos surgem diante de consoante palatal, podendo apresentar variação com monotongos.

estrutura silábica, por isso, é bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final.

Reforçamos, dessa forma, que os padrões silábicos do PB se encaixam na estrutura (C)V(C), sendo o ataque e a coda não obrigatórios. É consenso na literatura sobre a sílaba a tendência universal das línguas ao padrão CV, sendo confirmada pelo apagamento das consoantes em posição de coda, a exemplo da fricativa coronal /S/, como veremos a seguir na descrição dos dados.

2. DESCRIÇÃO DO /S/ EM CODA: FALAR PARAIBANO

Como vimos, a coda silábica é bastante propícia à variação dialetal, principalmente por ser a posição mais débil da estrutura silábica, não diferindo quando do seu preenchimento pelo /S/.

No falar paraibano, observamos que nos vários contextos, se coda medial ou final, como em 1, o /S/ se apresenta variável, ora como alveolar, ora como palatal, como glotal e, até mesmo, sofrendo apagamento. Há, no entanto, que ressaltar que o comportamento das variantes se modifica a depender da posição da sílaba na palavra.

(1)

<i>CODA MEDIAL</i>	<i>CODA FINAL</i>	<i>CODA MEDIAL E FINAL</i>
pas.ta	mais	mas.truz
des.de	lápiz	cus.cuz
as.ma	arroz	
as.no	ônibus	
es.fera	talvez	
ras.go	paz	
cus.pe	vez	
res.vala	giz	
cas.ca	depois	

Para descrevermos detalhadamente essa coda, utilizaremos os trabalhos sociolinguísticos de Hora (2003) e Ribeiro (2006) sobre a coda medial e a final, respectivamente.

Os dados utilizados foram extraídos do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), constituído de 60 informantes estratificados socialmente em sexo, faixa etária e anos de escolarização.

Passemos primeiramente ao comportamento da coda medial. Segundo Hora (2003), o /s/ em coda medial apresenta maior uso da fricativa coronal alveolar (6164/9517), seguida da fricativa coronal palatal (2661/9517). A fricativa glotal apresenta pouca produtividade (583/9517), estando restrita aos itens mesmo ~ me[h]mo e desde ~ de[h]de. O apagamento também é pouco produtivo (109/9517) e limita-se ao item mesmo ~ me[ø]mo. Para melhor visualizarmos as freqüências de uso de cada variante, vejamos o gráfico 1.

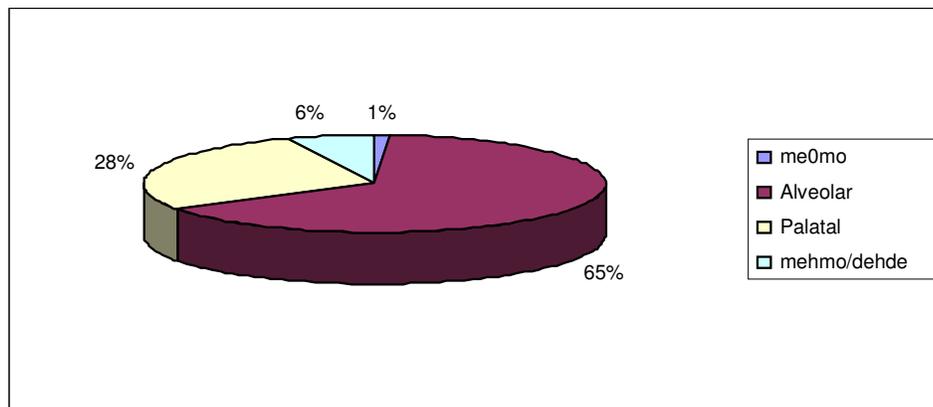


Gráfico 1: Resultados do /S/ em Coda Medial

É importante salientar que a variante palatal, em coda medial, está restrita ao contexto seguinte /t,d/. Nos demais contextos seguintes, é a coda alveolar que aparece, como mostram os exemplos em 2:

(2)

pa[]ta	ca[s]ca
*ma[3]da	ra[z]go
alpi[]te	e[s]fera
de[3]de	re[z]vela
de[3]dém	a[z]ma
ca[]to	a[z]no

Passemos, então, ao comportamento da coda final. O /S/ nessa posição também apresenta as variantes alveolar, palatal, glotal e o apagamento. Mas, diferente da coda medial, as variantes mais produtivas são a alveolar (4462/7034) e a variante zero (1718/7034). As variantes glotal (434/7034) e palatal (420/7034) são pouco produtivas.

No caso da coda final observamos que a oposição se dá efetivamente entre a frequência de uso da alveolar e a variante zero, como o gráfico 2 explicita:

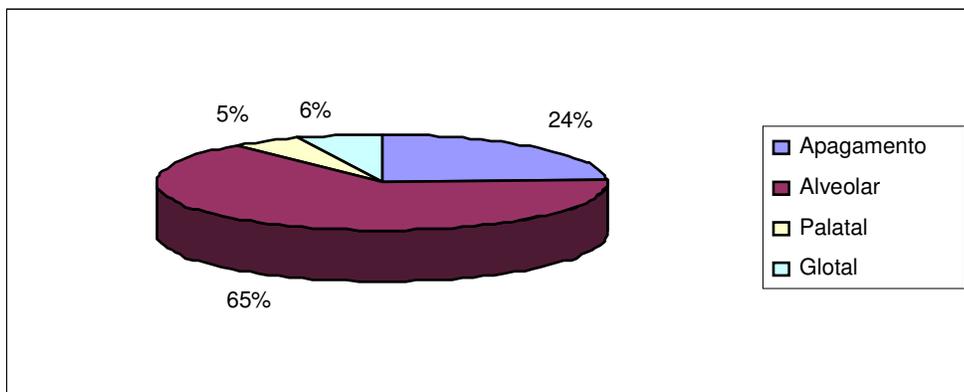


Gráfico 2: Resultado do /S/ em Coda Final

É interessante observar que a variante glotal teve a mesma frequência em posição medial e final (6%), mostrando pouca produtividade nas duas posições. A frequência da variante alveolar (65%) também é a mesma nas duas posições, além de manter-se, independente da posição, com a mesma média de distância em relação à segunda variante: 28% para a variante zero e 24% para variante palatal. Indicando, dessa forma, a predominância da fricativa coronal alveolar na coda silábica.

Outro fato interessante é que as variantes palatal e zero têm comportamento inverso a depender da posição da coda. Em coda medial, a variante palatal é a segunda mais frequente (28%), tornando-se a menos produtiva quando a coda é final (5%). A variante zero, por sua vez, é muito pouco produtiva na posição medial (1%), tornando-se a segunda mais produtiva na posição final (24%).

3. TEORIA DA OTIMALIDADE E VARIAÇÃO

As concepções teóricas que antecederam a Teoria da Otimalidade (TO) buscavam propor e formular regras para dar conta dos processos fonológicos existentes nas línguas. O trabalho de Chomsky e Hale (1968) tornou-se um dos mais profícuos, servindo de base para outras teorias baseadas em regras, a exemplo da Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), a Teoria da Sílabas (HOOPER, 1976; KAHN, 1976; SELKIRK, 1982), dentre outras.

A TO, desenvolvida por Alan Prince, Paul Smolensky e John McCarthy (PRINCE; SMOLENSKY, 1991 e MCCARTHY; PRINCE, 1993), torna-se a primeira abordagem não derivacional.

A partir dessa abordagem surgiu a convicção de que as formas de superfície são geradas de acordo com certas restrições universais de boa-formação. A sua idéia central é que a língua é um sistema de forças conflitantes, expressas através de restrições de fidelidade e marcação que fazem exigência sobre algum aspecto das formas dos *outputs* gramaticais.

Para a TO, as línguas diferem não em inventário de restrições, mas no ordenamento de tais restrições. Assim, a variação entre línguas é explicada, de forma simples, pelo ordenamento diferenciado das restrições chave. A fonologia, então, poderia ser caracterizada como um conjunto universal de restrições hierarquicamente dispostas com base em língua específica, ou seja, a depender do ordenamento das restrições, será obtida a estrutura fonológica de uma língua em particular.

A relação entre o *input* e o *output* é submetida a três componentes: GEN que gera os *outputs* possíveis para cada *input*, CON que possui o conjunto universal de restrições não-ordenadas e AVAL que avalia qual é o *output* ótimo dentre os possíveis, observando a hierarquia das restrições. Assim, todos os *outputs* possíveis são gerados e avaliados de acordo com o ranking de restrições da língua até se encontrar o *output* ótimo.

A gramática consiste, então, de um conjunto de restrições de boa-formação. Essas restrições, que são violáveis, se aplicam simultaneamente a representações de estruturas. Além disso, as restrições são potencialmente conflitantes, inclusive devido à sua natureza de fidelidade e de marcação, e esse conjunto de restrições é compartilhado por todas as línguas, formando parte da Gramática Universal.

As línguas específicas, como mencionado, classificam essas restrições universais de maneira diferente, de forma que as restrições que ocupam a posição mais alta no ranking têm domínio total sobre aquelas que ocupam posição mais baixa. Os *outputs* gerados para cada forma subjacente são avaliados por meio do ordenamento das restrições e o que melhor satisfaz as restrições mais altas é o candidato ótimo e será a forma realizada.

É importante salientar que todos os candidatos violam alguma restrição, o que propicia a escolha do AVAL é justamente o fato de o candidato violar as restrições mais baixas no ordenamento para aquela língua, sendo, portanto, o escolhido como ótimo.

Os principais princípios da TO são a universalidade (as restrições são universais); a violabilidade (as restrições são violáveis) e o ordenamento (as restrições são ordenadas hierarquicamente com base em língua específica e a violação é definida com base nesse fato), portanto, uma gramática de uma língua é um ordenamento do CON.

A TO consegue dar conta da variação entre as línguas de forma bastante simples, isso se modifica, contudo, quando a variação é intradialetal. A vertente clássica da TO trata as duas variações da mesma maneira, atribuindo uma gramática para cada forma variante, o que seria pouco econômico, ou ainda, que algumas restrições não sejam classificadas entre si, abrindo espaço para a idéia de que a variação é um caso de opcionalidade aleatória em um sistema estático.

Uma proposta com base na TO que tem se apresentado consistente para o tratamento da variação intradialetal é a de Coetzee (2004). Por essa perspectiva, uma gramática apresenta as restrições hierarquizadas para que o avaliador selecione não só o *output* ótimo, mas também os candidatos que são variantes, ordenando-os entre si.

Segundo Coetzee (2004), existe uma linha de corte, adquirida na comunidade de fala, que divide as restrições que dão conta dos candidatos *non sense* das que ordenam os candidatos que são variantes. O ordenamento das variantes é obtido através da frequência de uso na comunidade de fala, propiciando a correlação do social com a variação lingüística.

O interessante nessa perspectiva é o fato de que ela não vai de encontro ao princípio de riqueza de base defendido pela TO Clássica, que propõe que o GEN gera um número infinito de *outputs*, de onde será selecionado pelo AVAL o candidato ótimo, ou ainda, as variantes. O modelo teórico é preservado, não havendo distinção entre as concepções básicas defendidas pela TO Clássica, o que a torna uma teoria forte.

Outro ponto a favor do proposto por Coetzee(2004) é o fato de que é uma proposta bastante econômica, já que não pressupõe uma gramática para cada variação, resolvendo a questão da aquisição da língua e da variação intradialetal.

3.1 APLICANDO A TEORIA À CODA

A nossa análise sobre o /S/ em posição de coda terá por base os dados reais de fala descritos na seção anterior. Como trataremos de variação intradialetal, utilizaremos

a TO, sob a perspectiva de Coetzee (2004), como suporte teórico, já que acreditamos que ela propicia uma análise fonológica bastante eficaz em relação à variação.

Antes, porém, de adentrarmos na análise em si, a fim de melhor esclarecermos as diferenças entre as propostas da TO Clássica (PRINCE; SMOLENSKY, 1993 e MCCARTHY ; PRINCE, 1993) e a de Coetzee (2004), exporemos alguns pontos cruciais que fundamentam as duas:

PROPOSTA 1: A. PRINCE e P. SMOLENSKY, 1993;
 J. McCARTHY e A. PRINCE, 1993

- Há hierarquia para as restrições
- Não há hierarquia para os candidatos (só seleciona o candidato ótimo)

PROPOSTA 2: A. W. COETZEE, 2004

- Há hierarquia para as restrições
- Há hierarquia para os candidatos (exceto para os *nonsense*)

Como podemos depreender do exposto, no modelo clássico, os *inputs* são avaliados de acordo com o ranking das restrições daquela gramática, separando o *output* ótimo dos demais, ou seja, os outros candidatos estariam em um mesmo nível.

Coetzee (2004), por outro lado, propõe que o AVAL volte e estabeleça dentre os candidatos descartados o melhor candidato e assim processaria até hierarquizar todas as variantes. Essa hierarquia também seria estabelecida de acordo com o ranking das restrições. Um ponto que merece ressalva é o fato de que a frequência de uso seria utilizada para especificar a probabilidade de aceitação daquele candidato pelo falante, relacionando o desempenho à competência lingüística. E isso distinguiria os *inputs* que se caracterizam como variantes daqueles que são possíveis, mas nunca prováveis de acontecer.

4. ANALISANDO A CODA

Antes de passarmos à análise das codas medial e final, consideramos relevante discutir um pouco sobre as restrições que utilizaremos: IDENT-IO, MAX-IO e NOCODA.

Segundo Archangeli (1997), as restrições de fidelidade prezam pela relação fiel entre o *input* e o *output*, buscando, assim, mostrar a correspondência intrínseca entre a forma subjacente e a forma ótima que será produzida.

São restrições de fidelidade:

IDENT-IO → que prevê que os segmentos do *output* sejam correspondentes aos do *input*, ou seja, o *input* e o *output* precisam ser iguais.

MAX-IO → que prevê que todo elemento do *input* tenha um correspondente no *output*, ou seja, evita o apagamento de segmentos no *output*.

Já as restrições de marcação, elas lidam com a questão do que é universal (menos marcado) e o que é particular (mais marcado) nas línguas (ARCHANGELI, 1997). A restrição NOCODA refere-se ao padrão silábico, e propõe CV como padrão menos marcado em relação ao padrão CVC.

É importante salientar que as restrições, muitas vezes, são especificadas quanto ao contexto, a fim de melhor darem conta dos processos. Aqui, faremos uso dessas especificações, já que precisaremos observar, em dado momento, as codas medial e final em um mesmo *tableau*:

IDENT σ → identidade entre o número de sílabas do *input* e do *output*.

MAX_(codamedial) → não apagar a coda medial.

MAX_(codafinal) → não apagar a coda final.

NOCODA_[+cont., +cor., +ant.] → evitar coda [s,z]

NOCODA_[+cont., +cor., -ant.] → evitar coda [□, 3]

NOCODA_[+cont., -cor., -ant.] → evitar coda [h]

Acreditamos, dessa forma, que as contextualizações atribuídas por nós às restrições IDENT, MAX e NOCODA consigam dar conta do processo em análise.

4.1 CODA MEDIAL

Retomando os dados da seção 2, observamos a seguinte ordem de frequência de uso para a fricativa em posição de coda medial: 65% para [s,z], 28% para [ɰ,ʒ], 6% para [h] e 1% para [∅]. Isso nos daria a seguinte ordem de restrições para o /S/ em coda medial: $MAX_{(codamedial)}$ (1%) >> $NOCODA_{[+cont., -cor., -ant.]}$ (6%) >> $NOCODA_{[+cont., +cor., -ant.]}$ (28%) >> $NOCODA_{[+cont., +cor., +ant.]}$ (65%).

/mesmo/	Ident σ	$Max_{(codamedial)}$	NoCoda [+cont., -cor., -ant.]	NoCoda [+cont., +cor., -ant.]	NoCoda [+cont., +cor., +ant.]
□ ['mez.mu]					*
□ ['meʒ.mu]				*	
□ ['meh.mu]			*		
□ ['me∅.mu]		*			
['me.si.mu]	*!				

Tableau 1: /S/ em Coda Medial

Observamos no Tableau 1 que o candidato ['me.si.mu] viola fatalmente, já que a restrição está antes da linha de corte, que separa os *outputs non sense* dos candidatos variantes. Os demais candidatos, por serem variantes, estarão ordenados quanto à frequência de uso.

Apesar de 'mesmo' ser o único item lexical a apagar em coda medial, entendemos que a linha de corte estará antes de $MAX_{(codamedial)}$ por que acreditamos haver uma tendência ao aumento da frequência de uso com esse item, abrangendo, inclusive, outros itens, como [dey∅de], já observado na comunidade de fala em estudo em situações informais.

4.2 CODA FINAL

Ainda, segundo os dados da seção 2, o comportamento da fricativa em posição coda final apresenta a seguinte frequência de uso: 65% para [s,z], 24% para [∅], 6% para [h] e 5% de [ɰ,ʒ], o que nos remeteria ao seguinte ordenamento das restrições: $NOCODA_{[+cont., +cor., -ant.]}$ (5%) >> $NOCODA_{[+cont., -cor., -ant.]}$ (6%) >> $MAX_{(codafinal)}$ (24%) >> $NOCODA_{[+cont., +cor., +ant.]}$ (65%).

/onibus/	Ident σ	NoCoda [+cont., +cor., -ant.]	NoCoda [+cont., -cor., -ant.]	Max _(codafinal)	NoCoda [+cont., +cor., +ant.]
\square [‘õ.ni.bus]					*
\square [‘õ.ni.bu \emptyset]				*	
\square [‘õ.ni.buh]			*		
\square [‘õ.ni.bu f]		*			
[õ.ni.ˈbu.si]	*!				

Tableau 2: /S/ em Coda Final

Como visualizamos no Tableau 2, o candidato [õ.ni.ˈbu.si] viola fatalmente a restrição Ident σ que está antes da linha de corte, sendo, portanto, o candidato *non sense*, já os demais candidatos são ordenados segundo as restrições após a linha de corte.

4.3 CODAS MEDIAL E FINAL

Passemos, agora, à análise de um item que apresenta tanto coda medial quanto final, para buscarmos uma ordenação única das restrições, baseada na frequência de uso de cada uma delas.

Segundo os resultados das codas em separado, as variantes [s,z] e [h] apresentam a mesma frequência independentemente da posição medial ou final, 65% e 6%, respectivamente. Já as variantes [\square ,3] e [\emptyset] têm frequência inversa dependendo da posição medial ou final: 28% e 5% para [\square ,3] e 1% e 24% para [\emptyset], respectivamente.

Essas frequências nos dariam a seguinte ordem de restrições: MAX_(codamedial) (1%) >> NOCODA_{(final)[+cont., +cor., -ant.]} (5%) >> NOCODA_[+cont., -cor., -ant.] (6%) >> MAX_(codafinal)(24%) >> NOCODA_[+cont., +cor., -ant.] (28%) >> NOCODA_[+cont., +cor., +ant.] (65%).

/kuskus/	Ident σ	NoCoda _(final) [+cont., +cor., -ant.]	NoCoda [+cont., -cor., -ant.]	Max (codafinal)	NoCoda [+cont., +cor., -ant.]	NoCoda [+cont., +cor., +ant.]
<input type="checkbox"/> [kus. 'kuys]						**
<input type="checkbox"/> [kuf. 'kuys]					*	*
<input type="checkbox"/> [kus. 'kuy \emptyset]				*		*
<input type="checkbox"/> [kuh. 'kuys]			*			*
<input type="checkbox"/> [kus. 'kuyh]			*			*
<input type="checkbox"/> [kus. 'kuyf]		*			*	*
[ku. si.. 'kuys]	*!					*

Tableau 3: /S/ em Coda Medial e Final

Observamos no Tableau 3 que o item [ku. si.. 'kuys] viola fatalmente a restrição IDENT σ . Os outros candidatos são ordenados de acordo com a frequência de uso, garantida pela ordem das restrições.

Por questões de melhor visualização, não colocamos a restrição MAX_(codamedial), mas salientamos que esta restrição seria a primeira depois da linha de corte, sendo violada por qualquer candidato que apague a coda medial (cu[\emptyset]cuz), devido à sua baixa frequência de uso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TO tem se mostrado bastante eficiente na análise do funcionamento das línguas, estabelecendo uma relação entre o universal e o particular entre elas. O tratamento da variação, contudo, a perspectiva Clássica não objetiva dar conta.

A proposta de Coetzee (2004) surgiu como possibilidade de tratar a variação. Apresenta uma gramática simples e econômica, bem fiel a TO Clássica, respeitando seus princípios e a estrutura defendida por ela. Apresenta como elemento diferencial a distinção entre os candidatos *non sense* daqueles que são variantes, tornando possível um ordenamento entre as variantes com base na sua frequência de uso.

Os trabalhos sobre a fricativa coronal em coda medial (HORA, 2003) e final (RIBEIRO, 2006) confirmaram um processo em variação, em que a coda pode assumir as formas alveolar, palatal, glotal e zero nas duas posições.

Constatamos que, independente da posição que a coda ocupe, a variante alveolar é a mais freqüente e a glotal, pouco produtiva. As variantes palatal e zero têm comportamento inverso em relação à posição medial ou final. A coda palatal é a segunda mais freqüente na posição medial, tornando a menos produtiva na posição final e a variante zero apresenta-se de forma inversa.

A perspectiva de Coetzee (2004) ratificou que a freqüência de uso auxilia no tratamento do /S/ em coda, propiciando, a partir disso, o ordenamento das restrições e das variantes: MAX_(codamedial) (1% - coda medial zero) >> NOCODA_{(final)[+cont., +cor., -ant.]} (5% - coda final palatal) >> NOCODA_[+cont., -cor., -ant.] (6% - codas medial e final glotal) >> MAX_(codafinal) (24% - coda final zero) >> NOCODA_[+cont., +cor., -ant.] (28% - coda final palatal) >> NOCODA_[+cont., +cor., +ant.] (65% - codas medial e final alveolar).

Há, ainda, muito a ser proposto para o tratamento da fricativa coronal em coda silábica, mas entendemos que as considerações suscitadas aqui são de extrema relevância para tal, servindo como ponto de partida para discussões mais aprofundadas.

REFERÊNCIAS

1. ARCHANGELLI, Diana. Optimality Theory: an introduction to linguistics in the 1990s. In: ____; LANGENDOEN, D. Terence. (ed.). *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell, 1997.
2. BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* V.5, n.2, ago.1989.
3. ____ (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
4. COETZEE, Andries W. *What it means to be a loser: non-optimal candidates in Optimality Theory*. Tese de PhD. University of Massachusetts Amherst, 2004.
- EWEN, Colin J.; HULST, Harry van der. *The phonological structure of words*. Cambridge: CUP, 2001.
5. GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese Doutorado. Cambridge: MIT Press, 1976.
6. HOOPER, Joan. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.

7. HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: uma retrospectiva. In: ____ (Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
8. ____; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (orgs.) *Corpus do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)*. João Pessoa: Idéia, 2001.
9. _____. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003.
10. KAHN, Daniel. *Syllable - based generalization in English Phonology*. Tese de PhD. Cambridge, Massachusetts: MIT, 1976.
11. LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.
12. McCARTHY, John; PRINCE, Alan. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993.
13. PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1993.
14. REYNOLDS, Bill. *Variation and Phonological Theory*. Tese de PhD. University of Pennsylvania, 1994.
15. RIBEIRO, Silvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2006.
16. SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Van Der. *The structure of phonological representations* (part. II). Foris, Dordrecht, 1982.
17. SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. 5ed. São Paulo: Contexto, 2001.
18. WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

RESUMO: A Teoria da Otimalidade Clássica (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993) estabelece distinção entre o candidato ótimo e os demais. A proposta de Coetzee (2004), contudo, propõe um ordenamento harmônico para o conjunto completo dos candidatos, de forma que os perdedores também sejam ordenados entre si, permitindo considerar fenômenos não-categoricos. De posse dessa perspectiva, objetivamos estabelecer uma provável hierarquia para a realização da fricativa coronal em coda medial e final em uma língua particular, a comunidade paraibana. Indicaremos, dessa forma, não só o candidato ótimo,

mas também a ordenação dos demais candidatos, ou seja, daqueles que são variantes. Para a realização desse trabalho, utilizamos resultados da coda medial (HORA, 2003) e final (RIBEIRO, 2006), extraídos do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001), que foi coletado à luz da metodologia laboviana. Proporemos, assim, o tratamento de um processo variável sob uma perspectiva formal, contribuindo para um repensar da proposta teórica, além de efetivar um estudo detalhado e de inquestionável importância para a comunidade paraibana.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Otimalidade; Fonologia; Variação; Coda Medial e Final.

ABSTRACT: The Classic Optimality Theory (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993) attempts to distinguish the optimal candidate from the others. Besides revealing the optimal candidate, Coetzee's proposal (2004) establishes a candidate ranking, considering all the variants involved. Taking this into account, our aim is to rank the coronal fricative syllabic coda in the speech of Paraíba, in other words, all its variants. In order to do this, we use the middle (HORA, 2003) and final coda research (RIBEIRO, 2006), based on the data from Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (HORA; PEDROSA, 2001), which uses a sociolinguistic methodology. So, we could treat a variable process according to a formal perspective and perform a detailed and important study to the Paraíba community speech.

KEYWORDS: Optimality Theory; Phonology; Variation, Middle and Final Codas.